

■ RELATOS DE EXPERIÊNCIA

■ Oficina de Teatro Críticos & Criativos: Performance Brasa

 Rodolfo Luiz Costa de Godoi*

Resumo: Este relato de experiência tem o objetivo de apresentar e refletir sobre uma experiência pedagógica híbrida entre Sociologia e Artes Cênicas ocorrida no ano de 2019, no Centro de Ensino Médio Elefante Branco, na Asa Sul, Distrito Federal. A oficina de Teatro Críticos & Criativos propiciou um espaço-tempo de aprendizagem e de invenção artística pautado pela criação coletiva e crítica da realidade social e histórica do Brasil. A oficina resultou na performance “Brasa”, constituída a partir dos jogos teatrais e das reflexões críticas desenvolvidos na sala de ensaio, com materiais diversos trazidos pelos estudantes e pelo professor, acoplados a uma dramaturgia performativa não-linear. O projeto teve duração de um semestre e foram realizadas duas apresentações para cerca de cento e oitenta estudantes da mesma escola.

Palavras-chave: Artes cênicas. Elefante Branco. Ensino de sociologia. Performance.

* Mestre em Sociologia pela Universidade de Brasília. Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Contato: rodolfocgodoi@gmail.com

Dez estudantes estão sentados em cadeiras escolares azuis, sem braços. O cenário é um bosque nos fundos da escola. Estamos todos rodeados por altas árvores, uma clareira entre essas árvores organiza um grande 'O' central, do qual decidimos que seria um palco. A plateia limitava-se pelas espadas de São Jorge plantadas no chão, como se indicassem um prosaetno efemeramente acordado entre performadores e o público.

Uma das estudantes sai do meio da plateia e recita Mario Quintana (2001) "Quem faz um poema abre uma janela./ Respira, tu que estás numa cela abafada/ esse ar que entra por ela./ Por isso é que os poemas têm ritmo/ para que possas profundamente respirar./ Quem faz um poema salva um afogado.". A sua voz doce e frágil anuncia: o quê estaremos a ver é arte. Uma arte pequena, uma arte frágil, uma arte efêmera. Mas é nossa arte, nossa performance que nos desafoga, que nos faz respirar. O poema, a própria estudante levou para o grupo, ainda nas primeiras semanas quando éramos menos ensaio e mais oficina.

A oficina de teatro Críticos & Criativos foi desenvolvida pelo autor no Centro de Ensino Médio Elefante Branco no segundo semestre do ano de 2019, entre os meses de agosto e novembro. Ocorrendo todas as segundas-feiras de 14h às 17h na sala de dança da instituição, e em em outros ambientes da escola como pátio, estacionamento e bosque próximo, ela atendia aos estudantes do turno matutino, que escolheram participar de maneira voluntária.

O nome da oficina busca carregar as intenções pelas quais foi proposta. Em especial, ser espaço e tempo dentro da escola para que os estudantes possam ser agentes de criação e de crítica, a partir das artes performáticas enquanto expressividade. Associa-se, portanto a perspectiva investigativa e analítica das Ciências Sociais associadas às técnicas e a linguagem teatral, dando vazão às inquietações dos estudantes quanto à sociedade em que vivem, e as potências poéticas geradas a partir disso.

Antes, é importante ressaltar o histórico recente da instituição quanto às artes cênicas. Em 2018, o Professor de Artes Marcello D'Lucas inicia prática teatral dentro das suas turmas regulares de primeiros anos, no turno vespertino. Cada uma dessas turmas estudava e montava, sob orientação do professor, peças de teatro, que deveriam ser apresentadas ao final do semestre em mostra interna à escola, o Festival de Teatro do Elefante Branco. A partir dessa experiência, o professor Marcello com grupo de estudantes, criaram a Companhia de Teatro Elefante Branco, gerando autonomia pedagógica ao projeto, e levando as apresentações para fora do espaço escolar. Ainda no primeiro semestre de 2019, eu ofereci uma oficina no contra-turno, no mesmo horário,

destinada a introdução na linguagem teatral, a partir de jogos e exercícios semelhantes às utilizadas na oficina Críticos & Criativos, mas sem foco nos procedimentos inventivos artísticos dos estudantes, ou mesmo em reflexões de crítica social e histórica. Todas essas atividades geraram ambiente favorável para o desenvolvimento, no segundo semestre de 2019, da oficina Críticos & Criativos, incluindo tanto a disponibilidade dos estudantes como a equipe gestora da escola.

A oficina iniciava-se sempre com uma sequência de alongamentos e aquecimentos, ao som de músicas instrumentais, e com luzes apagadas, assim, criávamos um ambiente sensorialmente disponível para a expressão do inconsciente e da invenção. A repetição dessa sequência de alongamentos e aquecimentos sempre antes do início da oficina garantia uma ritualização necessária que possibilita um abrir de outros espaços-tempos possíveis. Ou seja, a expressão performática extra-cotidiana, ganhava um momento de existência segura.

É importante entendermos que os nossos corpos estão historicamente atravessados por determinantes sociais - como gênero, classe social, idade, sexualidade, classe, cor, território ou origem. Assim, toda a nossa gestualidade corporal, a amplitude de nossos gestos, a nossa expressividade vocal, e mesmo os menores gestos faciais são determinados pelo conjunto de normas socialmente construídas às quais fomos subjetivados em nossa formação. Ela apresenta-se assim quase como uma natureza intrínseca a nós mesmos, mas foi sistematicamente forjada pelas forças do arbitrário social.

O primeiro objetivo na oficina era criar uma consciência tanto corporal como espacial que pudesse alargar a gramática de expressão do corpo, disponibilizando-o para outras formas expressivas. O primeiro passo para romper com as amarras simbólicas foi justamente um alongamento e aquecimento corpo-sensórios

A busca de identidade, mesmo a associação ou confronto a grupos e ideias é marca determinante da adolescência, expressa de forma contundente nas formas de se vestir, falar, gesticular e se expressar. Um dos desafios colocados para o teatro com adolescentes atravessa esse conjunto de vontades e medos.

Assim, foram utilizados ao longo dos encontros, uma série de exercícios baseados especialmente nas propostas de Augusto Boal (2009) e Viola Spolin (2006), além do repertório experimentado na minha formação teatral. A associação e a combinação de tais exercícios, práticas e jogos buscavam uma inserção do estudante em uma linguagem teatral, uma gramática de expressividade corporal ampla, que potencialmente buscasse romper tanto a corporeidade cotidiana, como a televisiva e cinematográfica - referências presentes em grupos que iniciam diálogo com as artes

cênicas. Para tanto, procurou-se sempre tornar os jogos e exercícios intercomunicáveis, ou seja, eles eram necessariamente amarrados uns aos outros, buscando uma continuidade, ou uma unidade do fazer do dia de trabalho. Assim, a partir dos jogos, e das provocações cênicas experimentadas pelos participantes, os participantes eram convidados a construir cenas curtas e coletivas, que apresentassem parte dos princípios propostos nos jogos e exercícios. Ao longo das semanas os jogos performáticos iam se direcionando para a construção de pequenas cenas, que aos poucos foram sedimentadas e moldadas para a criação da obra.

A partir do jogo "Lá vem o pato", criamos uma das primeiras cenas da performance. Nesse jogo, os estudantes, em círculo repetem um diálogo para o colega ao lado em sequência: "lá vem o pato", "o quê?", "o pato", "ah, o pato! lá vem o pato". Desse modo, a brincadeira permite, através da experiência, compreender como o mesmo discurso, ou uma mesma palavra, pode apresentar diferentes significados a partir das intencionalidades inventadas a cada vez que é repetida. Desse jogo, os estudantes foram estimulados a escolherem em comum acordo quinze palavras que sintetizassem, na visão deles a história do Brasil, desde a colonização portuguesa.

Assim, as palavras barco, branco, banco, escravidão, café, liberdade, ditadura, Brasília, Lula, Dilma, Bolsonaro, entre outras apareceram como as mais significativas. Conversamos sobre o porquê deles acreditavam que essas palavras poderiam sintetizar a história do Brasil, e de como a escolha dessas palavras revelava um olhar necessariamente político acordado entre eles. Estimulava-se a compreensão de que toda narrativa, toda história contada, parte de um ponto de vista, e apresenta, em algum grau, uma parcialidade.

A polarização política entre esquerda e direita no Brasil também se viu presente nas invenções cênicas, em primeiro lugar pela recorrência do tema nas pequenas cenas improvisadas, mas também pelos nomes dos presidentes que foram escolhidos para a primeira cena da performance, que sintetiza a história do Brasil. Mas, além disso, uma vez que cada palavra ou expressão era repetida em sequência por cada estudante-performador, ela deveria revelar os diferentes entendimentos sociais que poderia se ter daquele contexto histórico. Assim, "Lá vem a ditadura", era dita ora com expressão vocal e corporal de assombro ou medo, ora de deboche, ora de dúvida, e até mesmo modificada textualmente, como "Lá vem a dita-dura". O mesmo com a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) que passam nos últimos anos por intensas alterações. Nesse termo, optamos por mais uma oposição binária, formando sequencialmente

"Lá vem a CLT", e "Lá se foi a CLT", expressando o vai-e-vem dos direitos trabalhistas na história recente no Brasil.

Tão importante para a composição dessa cena foi a escolha das heroínas e heróis nacionais. Os estudantes foram instigados a, em poucos minutos, decidirem voluntariamente por nomes que julgavam ser relevantes na história nacional e, na sequência, também a pensar quantos heróis compõem nossas primeiras referências, quais estão na nossa memória, qual história do Brasil conhecemos e porquê? Os nomes Carolina Maria de Jesus, Machado de Assis, Maria Bonita, Palmares, Padre Cícero, Dandara, Zumbi, Getúlio Vargas e a palavra Quilombo, foram escolhidos por cada um a partir de suas próprias identificações pessoais.

As músicas eram parte integrante tanto do aquecimento e dos jogos performáticos, como também foram importantes para construção das cenas. O samba *A Maioria Sem Nenhum*, do compositor Éltton Medeiros, foi apresentada ao grupo como expressão poética singular da desigualdade brasileira, buscando uma construção cênica delicada que contrastasse com a aspereza da letra. Após o texto de Mário Quintana, que servia quase como prelúdio dramático, os versos da canção eram cantados pouco a pouco, até que se tornassem um coro. Com suas cadeiras em mãos, os estudantes-performadores propunham uma imagem cênica de migração, invocando uma poética especial para o Distrito Federal, território composto majoritariamente de migrantes pobres, que buscaram (e ainda buscam) na capital brasileira, possibilidades menos duras de ser e de existir. A perspectiva é a mesma com o trecho da canção *Tem Gente com Fome*, de Solano Trindade. Essa canção passou por diversas experimentações na sala de ensaio, sendo acionada de forma ao mesmo tempo simples, mas acusatória, sobre fome experienciada pela população brasileira.

A produção textual também foi incentivada e desenvolvida, conjuntamente a esses jogos teatrais, os estudantes eram convidados a produzirem textos em formatos livres que pudessem agregar o processo. A técnica de escrita automática foi utilizada diversas vezes, em especial ao final de exercícios performáticos ou de provocações de contemplação - acionando estados corporais e sensoriais distintos ao longo do processo: Ora seus corpos estavam movimentados e aquecidos, ora buscávamos estados meditativos que impulsionavam a produções textuais diversas. Essas produções poéticas ou reflexivas eram compartilhadas e dialogadas. A oficina finalizada sempre com um debate ou reflexão do que foi proposto e experimentado por cada um deles, fazendo da experiência prática também reflexão abstrata.

O espetáculo teatral *Liberdade Liberdade*, de Millor Fernandes e Flávio Rangel foi mais um recurso pedagógico usado neste processo e passou por leitura dramatizada em dois ensaios, possibilitando que os estudantes pudessem lidar com um texto teatral pós-dramático, sem narração ou personagens, diferente das práticas com que já tinham trabalhado em outras oportunidades. A obra foi especial para o processo, pois apresenta potência política e de reflexão social, a partir de elementos e materiais de composição distintos, como textos históricos, falas de personalidades reais, leis etc.

Outros textos apareceram durante o processo criativo, *Os Ninguéns* de Eduardo Galeano (2002), enriquecendo as metáforas de desigualdade social acionadas nas outras cenas, e um texto com cunho didático, retirado do programa *Greg News*, onde se desenvolve uma análise do histórico de exploração econômica do nosso país, para essa cena, optou-se por elementos da palhaçaria, associando a cena aos seminários desenvolvidos pelos estudantes na escola.

Ao longo dos dias, o coletivo seguia dialogando sobre seus desejos comunicativos, orientados pelo professor. Assim, o material poético levantado e produzido pelo grupo seguia de debate e análise a partir do arcabouço teórico das Ciências Sociais, permitindo que a poética pudesse ser afinada a partir de princípios éticos, ancorados em reflexões macro e microsociais.

Desenhou-se uma performance de aproximadamente dez minutos, formada por uma série de acoplamentos de pequenas ações produzidas e dirigidas nos ensaios, tendo como fio condutor a história do Brasil, e em especial, sua característica de desigualdade.

A própria condução de direção de atuação das cenas foi estimulada a partir de inquietações políticas e sociais, isto é, em busca de estimular a expressividade corporal e emocional, os estudantes eram alimentados pelo professor-diretor por uma inquietação da ordem social. Portanto, se buscamos uma expressividade emocional raivosa, por exemplo, era essa estimulada a partir de dados e narrativas políticas e sociais, como corrupção, golpes de Estado, desigualdade, miséria etc. Ou o mesmo, se a intenção de determinado trecho do texto era de agonia, ironia ou tristeza. O combustível imaginário alimentado nos ensaios partia de uma inquietação social e política que pudesse mobilizar os sentimentos.

O nome da performance remete a origem da palavra Brasil. As árvores de Pau-Brasil daquela retiradas, já no início da colonização portuguesa, eram utilizadas para a produção de tinta vermelha, intenso como a brasa. A performance foi apresentada em dois momentos, para cerca de 180 estudantes ao todo, primeiramente no bosque descrito no início do texto, e no Salão Negro do CEM Elefante Branco.

Considerações Finais

O projeto foi acolhido tanto pela equipe gestora como pelas professoras e professores da escola. O que tornou possível sua completa execução, bem como a participação dos estudantes enquanto plateia, a partir do convite realizado aos demais professores regentes.

Ao final das apresentações, foi realizada uma roda de avaliação de todo o percurso, no qual eu e os estudantes pudemos retomar a trajetória percorrida e avaliar as aprendizagens. Como metodologia avaliativa, oportunizamos para que os próprios integrantes avaliassem uns aos outros, podendo associar a avaliação do que foi desenvolvido na oficina também com suas percepções mais amplas do sujeito em sua integralidade, associando outros processos e projetos que desenvolvem na escola ou fora dela. Assim, alargamos a percepção de um aprendizado que se encerra no projeto, mas que pode ser levado para a vida de forma autônoma e ampla. Entendendo a avaliação também como processo de aprendizagem, os estudantes foram provocados a fazer breves análises dos jogos e exercícios utilizados na oficina, e percepções estéticas do produto final.

A avaliação final revela que, mais do que se destinar a uma criação final, o percurso de aprendizagem possibilitou o desenvolvimento da capacidade de análise críticas e de criações artísticas, que instrumentalizam os participantes para novos problemas e devires.

A associação entre os saberes da Sociologia e do Teatro tornou possível avançar no entendimento histórico, social e político do qual as e os participantes estão inseridos, movimentando conteúdos significativos. Que por sua vez eles puderam encontrar novas formas de expressividade, a partir das sensibilidades e poéticas provocadas pela linguagem teatral - combinando criativamente formas e conteúdos de ambas as áreas.

Por fim, encerra-se os relatos dos estudantes que foram convidados a escrever suas percepções e avaliações sobre a oficina para esta publicação. Palavras que seguem aqui:

Gostei muito do processo e dos exercícios que fizemos, dos debates e o modo como nos envolvemos e nos divertimos com o projeto. Foi o meu primeiro contato com uma performance e estar trabalhando com pessoas tão inteligentes e esforçadas me fez querer continuar me envolvendo com projetos parecidos. (Briza)

O exercício da dança foi o mais especial pra mim, porque antes eu só lia o texto mesmo, eu não falava com emoção e depois da dança e de ter que fazer vocês sentirem o texto também, eu comecei a ver que não era só um texto que eu

ia falar e pronto, assim como ele estava me mudando e me ajudando, poderia acontecer com as outras pessoas também e eu tinha que mostrar isso pra todos. A dança foi muito particular por causa dos meus sentimentos. Eu acho que foi muito importante eu dançar, ter que me entregar, entregar uma voz que eu achava que não tinha, que não ia conseguir e no final (mesmo continuando tímida) eu tinha conseguido sentir tudo, e consegui mostrar tudo pra vocês. (Caroline).

Foi uma experiência de vida pra mim, cada momento lá era único. Além do básico que é o momento entre amigos e sair da rotina, as atividades que eram feitas lá dentro foram muito importantes para o meu crescimento em várias partes da minha vida, principalmente a atuação. Ensinou-me a mexer mais com minhas emoções e a me soltar mais, que foi pra vários de meus projetos, tanto na escola quanto fora dela. Eu não sei se tem uma palavra pra descrever a oficina, mas eu a descreveria como única, incomparável e como uma experiência inesquecível. (Gideão)

Achei interessante como fomos unidos, como conseguimos cada um dentro das suas limitações adaptar ao que era solicitado, a criatividade é o desempenho. (João)

A Críticos e Criativos, na minha perspectiva, foi um espaço para emancipação da performance e criação individual em prol do coletivo, conduzida por reflexões sociais. Foi o despertar do corpo cênico usando do técnico para trabalhar no grosso de cada integrante, ultrapassando as barreiras de docente e discente, e integrando-os em um trabalho conjunto de estímulo a consciência, impulsionando a externar e explorar do olhar

para si e para o outro, o centro e arredores, interno e externo. Textos foram escritos e cenas foram criadas a partir de imagens que denunciavam a desigualdade e injustiça social. A palma da mão, o topo da cabeça, a bunda... todo o corpo tornou-se pincel numa tela de nada e o resultado foi uma bela pintura de movimentos despojados pelo espaço. Pôde-se também aprender a projetar a voz durante uma dança ou fazendo parte de um cardume. Esses momentos foram para mim, compostos de emoção. (Larissa).

Conhecemos partes novas de nós mesmos e juntos desenvolvemos mais nossas amizades. (Marco)

Foi ótima e inspirador pra mim, eu vou fazer cinema e tudo que eu fiz de teatro até hoje é motivo pra eu querer fazer essa faculdade, inclusive o projeto Críticos e Criativos, que me nutriu de um jeito... Foi incrível, eu inclusive tinha muito medo de público em outros projetos que fiz, mas nesse eu aprendi a lidar mil vezes melhor com isso, me soltei mais, aprendi técnicas novas que vou levar pra vida. Só sei que vou guardar no meu coração. (Marcelle)

Muitos limites que eu impus em mim mesmo foram quebrados com a oficina. Quem diria que eu teria que imitar uma bailarina na frente de outras pessoas? Foi um processo muito incrível pra mim. Quando acabou eu senti que estava faltando algo na minha rotina pois por mim não teria acabado. Tudo que eu aprendi com todo mundo, eu tenho certeza que vou levar pra vida. As danças, os exercícios, a imaginação e a mensagem das passagens é algo que eu nunca vou esquecer. Foi incrível!. (Wendy)

Referências

- ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. Nova Aguilar: Rio de Janeiro, 1994.
- BOAL, Augusto. Jogos para atores e não-atores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BUARQUE, Chico. MILANEZ, Pablo. Canción por la Unidad de Latinoamérica. Clube da Esquina 2. EMI, 1978.
- DUVIVIER, Gregorio. Patriotismo. Greg News. HBO, 2019.
- GALEANO, Eduardo. Os Ninguéns. O Livro dos Abraços. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- LODI, Adriana Ferreira Coelho. Expedições à deriva com a pedagogia teatral por uma pedagogia da invenção. 2016. 228 f., il. Dissertação (Mestrado em Arte)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- MEDEIROS, Elton. A Maioria Sem Nenhum. Na Madrugada. Polysom, 1968.
- QUINTANA, Mário. Emergência. In: MORICONI, Ítalo (org.). Os cem melhores poemas brasileiros do século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- RANGEL, Flávio. FERNANDES, Millor. Liberdade, Liberdade. Porto Alegre : L & PM, 2001
- SPOLIN, Viola. Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin. São Paulo, SP: Perspectiva, 2006.
- TRINDADE, Solano. Poemas d'uma vida simples. 1ª ed., Rio de Janeiro: Edição do autor, 1944

Notas

- 1 O projeto extrapolou as salas de aulas regulares, passando a mobilizar os estudantes e professor em outros espaços-tempos.
- 2 A partir de 2007, iniciei estudo na área de Artes Cênicas, majoritariamente, por meio de oficinas e cursos livres oferecidos na cidade, desde com professores e artísticas locais, até nacionais e internacionais. Destaco entre essas, a formação gratuita no Espaço Cultural Renato Russo, entre os anos de 2007 e 2013, em oficinas introdutórias e avançadas. Em especial a formação junto a professora Adriana Lodi (2016), com trajetória pedagógica registrada e analisada na dissertação "Expedições à deriva com a pedagogia teatral por uma pedagogia da invenção"
- 3 Pode ser conferida na dramaturgia anexada ao final do texto.
- 4 Uns com tanto/ Outros tantos com algum/ Mas a maioria sem nenhum/ Uns com tanto/ Outros tantos com algum/ Mas a maioria sem nenhum/ Esta história de falar em só fazer o bem/ Não convence quando o efeito não vem/ Porque somente as palavras não dão solução/ Aos problemas de quem vive em tamanha aflição/ Uns com tanto/ Outros tantos com algum/ Mas a maioria sem nenhum/ Uns com tanto/ Outros tantos com algum/ Mas a maioria sem nenhum/ Há muita gente neste mundo estendendo a mão/ Implorando uma migalha de pão/ Eis um conselho pra quem vive por aí a esbanjar/ Dividir para todo mundo melhorar. Composição: Elton Medeiros.
- 5 Élton Antônio Medeiros (Rio de Janeiro, 22 de julho de 1930 - 4 de Setembro de 2019) foi um compositor, cantor, produtor musical e radialista brasileiro.
- 6 Trem sujo da Leopoldina/ Correndo, correndo, parece dizer/ Tem gente com fome, tem gente com fome/ Tem gente com fome, tem gente com fome/ Tem gente com fome, tem gente com fome/ Tem gente com fome/ Estação de Caxias/ De novo a correr/ De novo a dizer/ Tem gente com fome, tem gente com fome/ Tem gente com fome, tem gente com fome/ Tem gente com fome/ Tantas caras tristes/ Querendo chegar em algum destino/ Em algum lugar/ Só das estações/ Quando vai parando começa a dizer/ Tem gente com fome, dá de comer/ Se tem gente com fome, dá de comer. Se tem gente com fome, dá de comer/ Se tem gente com fome, dá de comer/ Mas o freio irá todo autoritário/ Manda o trem calar. Composição: Solano Trindade
- 7 Solano Trindade (Recife, 24 de julho de 1908 - Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1974) foi um poeta brasileiro, folclorista, pintor, ator, teatrólogo, cineasta e militante do Movimento Negro e do Partido Comunista. Morou e trabalhou em Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Embu das Artes.
- 8 Emergência - Mario Quintana.
- 9 A Maioria Sem Nenhum - Elton Medeiros.
- 10 Os Ninguéns - Eduardo Galeano.
- 11 Greg News – Patriotismo.
- 12 Tem Gente com Fome - Solano Trindade.
- 13 Dom Casmurro - Machado de Assis.
- 14 Canción Por La Unidad de Latino America - Chico Buarque.
- 15 Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira.

APÊNDICE

Texto completo

BRASA

Direção: Rodolfo Godoi

Criação: Rodolfo Godoi e grupo

Estudantes-Performadores: Anemilson, Briza Caroline, Gideão, João, Larissa, Luiz Marcelle, Marco e Wendy.

Com textos de:

Chico Buarque, Elton Medeiros, Eduardo Galeano, Gregório Duvivier, Machado de Assis, Mario Quintana, Solano Trindade e grupo.

Essa obra é uma criação coletiva realizada na oficina "Críticos e Criativos", no Centro de Ensino Médio Elefante Branco, no ano de 2019.

Caroline:

Quem faz um poema abre uma janela.

Respira, tu que estás numa cela abafada, esse ar que entra por ela.

Por isso é que os poemas têm ritmo

-Para que possas profundamente respirar.

Quem faz um poema salva um afogado.

[coro entra com as cadeiras, de olhos fechados, carregam-nas como retirantes]

[Luiz canta

Wendy e Luiz cantam

Mulheres, Wendy e Luiz cantam

Todos cantam

Todos abrem os olhos

Todos andam e cantam

Só Mulheres, Wendy e Luiz cantam

Só Wendy e Luiz cantam

Todos param

Só Luiz canta.]

Uns com tanto

Outros tanto com algum

Mas a maioria sem nenhum

Todos

[Caroline inicia, e segue-se seqüência com atores e atrizes passando cadeira de mão em mão]

Lá vem um barco.

(Lá vem um branco, lá vem o banco)

Lá vem a escravidão.

Lá vem Carolina Maria de Jesus, lá vem Machado de

Assis, lá vem Maria Bonita, lá vem Palmares, lá vem Padre Cícero, lá vem Dandara, lá vem Zumbi, lá vem o Quilombo, lá vem Getúlio Vargas!

Lá vem a liberdade

Que liberdade?

Lá vem a CLT / Lá se foi a CLT.

Que CLT?

Lá vem a esperança

Lá vem a capital

Lá vem a capital da esperança

Lá vem a ditadura

[Lá vem a dita dura]

Lá vem a inflação

Lá se foi a inflação.

Lá vem o Lula.

Lá se foi o Lula.

Lá vem a Dilma

Lá se foi a Dilma.

Briza:

As pulgas sonham em comprar um cão, e os ninguéns com deixar a pobreza, que em algum dia mágico de sorte chova a boa sorte a cântaros; mas a boa sorte não chova ontem, nem hoje, nem amanhã, nem nunca, nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte, por mais que os ninguéns a chamem e mesmo que a mão esquerda coce, ou se levantem com o pé direito, ou comecem o ano mudando de vassoura.

Os ninguéns: os filhos de ninguém, os dono de nada.

Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fofidos e mal pagos:

Que não são embora sejam.

Que não falam idiomas, falam dialetos.

Que não praticam religiões, praticam superstições.

Que não fazem arte, fazem artesanato.

Que não são seres humanos, são recursos humanos.

Que não tem cultura, têm folclore.

Que não têm cara, têm braços.

Que não têm nome, têm número.

Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.

Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.

João, Marco e Wendy:

Ser brasileiro é uma coisa bem peculiar. Nenhum outro

país entende a nossa condição. A gente não é brasileiro, tipo americano ou peruano, a gente não é brasileiro, tipo francês, inglês, japonês, a gente é brasileiro. A gente é o único país que tem o sufixo '-eiro', um sufixo de profissão.

E porque é que a gente tem nome de profissão?

Porque brasileiros eram aqueles que viviam de vender o primeiro produto de exportação dessa terra, o Pau Brasil. O brasileiro existia antes do país, porque a profissão nasceu antes da nacionalidade.

O lance desse profissional não é exatamente o amor à pátria, já que ele antecede à pátria, mas a exploração dessa pátria, que na verdade era a casa de outras pessoas. Depois de mais de cem anos a palavra brasileiro foi sendo ressignificada, o termo brasileiro foi utilizado para se referir a quem nascia aqui. O país era um lugar tão feito só para ser explorado, nem nome pra quem nascia aqui tinha sido inventado, aí ficou brasileiro mesmo. Nome da profissão que marcou à época.

E aí desde daquela época a identidade de quem nasce, vive e trabalha aqui é explorar a natureza e os povos daqui, foi assim com o pau-brasil, foi assim com a devastação a Mata Atlântica para plantar cana e café, com o ciclo do ouro e da mineração, foi assim no genocídio, na captura dos indígenas, foi assim na exploração de milhões de negros e negras escravizados.

[Números: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 6, 7, 8, 9, 10, 11.

Só mulheres, só pares, só homens, só ímpares. Geral]

Tem gente com fome, tem gente com fome

Tem gente com fome, tem gente com fome

Tem gente com fome, tem gente com fome

Marcelle

É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluído misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, no dias de ressaca.

Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes

vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros, mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me.

Briza

E quem garante que a História

É carroça abandonada

Numa beira de estrada

Ou numa estação inglória

A História é um carro alegre

Cheio de um povo contente

Que atropela indiferente

Todo aquele que a negue

Briza: Nas imagens redouradas, na armadura dos guerreiros e na coroa dos reis.

Todos: Eu escrevo teu nome.

Briza: Em cada corpo de aurora, na água do mar, nos navios, na serraria clemente.

Todos: Eu escrevo teu nome.

Briza: Na espuma das nuvens, no suor das tempestades, na chuva insípida e espessa,

Todos: Eu escrevo teu nome.

Briza: Em cada lâmpada que se ascende, em cada lâmpada que se apaga, em minhas casas reunidas

Todos: Eu escrevo teu nome.

Briza: Em cada carne possuída, na frente dos meus amigos, em cada mão que se estende

Todos: Eu escrevo teu nome.

Briza: E no poder de uma palavra eu recomeço a minha vida. Eu nasci pra te conhecer e te chamar liberdade

Todos: Liberdade!

Todos:

Os poderosos podem matar uma, duas ou três rosas, mas jamais poderão deter a chegada da primavera.

[fecham os olhos]